Miguel Fenelon Câmara – A Luz de nossa Vida

Fernando Câmara

Desde quando tomei posse, em 17 de outubro de 1975, como membro efetivo deste respeitável Sodalício, na cadeira anteriormente ocupada pelo meu falecido Irmão, José Aurélio Saraiva Câmara, em diversas palestras aqui pronunciadas nenhuma me causou tanta emoção como esta, agora, ao evocar a figura de meu sempre lembrado pai, Miguel Fenelon Câmara, homenageando-o pela decorrênela de seu centenário de nascimento.

Tomei inclusive a liberdade de solicitar ao ilustre Presidente desta Casa e eminente Professor Geraldo da Silva Nobre, que a selenidade acontecesse hoje e não no dia 5, como estava fixada na pauta de nossas reuniões, pois o dia 4 de fevereiro é de grande significação para a família Saraiva Câmara, tendo em vista registrar a data de feliz enlace matrimonial de meu saudoso pai com a minha inesquecível mãe, Thereza Heloísa Saraiva Leão Câmara, acontecimento este ocorrido em Baturité, no ano da graça de 1919.

Poderá causar surpresa para os presentes não haver sido escolhido para esta comemoração o dia 13 de fevereiro, data de seu centenário, mas a explicação é simples: naquele dia estaremos reunidos em Quixeramobim, sua cidade natal, onde ele passou o maior parte de sua vida, ao lado de sua amada esposa e dedicados filhos.

Devo confessar que ele sempre foi infenso a homenagem em seu aniversário, fugindo de manifestação muitas vezes, e não permitindo mesmo que a efeméride fosse comemorada em seu lar.

E dizia que a data que ele gostava de festejar era o dia 4 de fevereiro, quando uniu o seu destino ao de nossa querida mãe.

Portanto, não vamos contrariar a sua vontade, e hoje, quando eles completariam 74 anos de feliz união conjugal, se vivos fossem, nós os seus familiares e amigos, damos início às comemorações centenárias do nosso grande Patriarca, recordando a sua exemplar figura de homem sempre voltado para o bem, dedicado ao lar, e que teve na educação dos filhos a sua constante preocupação.

Escolhemos o Instituto do Ceará para ponto de partida destas

justas comemorações, pois nesta Casa dois de seus filhos foram eleitos para membros efetivos do seu quadro social: o meu falecido irmão José Aurélio e o orador que vos fala.

Meu pai era um grande entusiasta deste Sodalício, sendo um leitor assíduo de nossa revista e aqui esteve, também, na solenidade de minha posse naquele distante 1975.

Feitas estas considerações focalizemos então a figura de nosso homenageado, fazendo uma viagem ao passado e retornando ao dia 13 de fevereiro de 1893, quando ele nasceu em Quixeramobim, tendo como pais Manuel Fenelon da Silva Câmara e Maria Olindina de Castro Câmara.

O auspicioso acontecimento foi registrado pela sua genitora com a seguinte anotação em uma caderneta:

> *"Miguel, nasceu nesta cidade, aos 13 dias do mês de fevereiro de 1893, em um dia de segunda-feira; batizou-se no mês de março do mesmo , sendo seus padrinhos o Dr. José Bonifácio da Silva Câmara e Etelvina Lídia de Almeida e Castro."*

O padrinho era irmão de seu avô paterno Heráclito Zábulon, e a madrinha, que eu ainda conheci em minha adolescência, irmã de sua mãe Maria Olindina.

O seu batistério, existente no livro de batismos nº 30, fls 6v, da Paróquia de Quixeramobim, consta do seguinte assentamento:

> *"Aos cinco de março de mil oitocentos e noventa e três, nesta Igreja Paroquial de Quixeramobim, bispado do Ceará, batizei solenemente o párvulo Miguel, nascido aos treze de fevereiro do dito ano; filho legítimo de Manuel Fenelon da Silva Câmara e de Maria Olindina de Castro Câmara, naturais desta Paróquia e nela batizados.*
>
> *Foram padrinhos o bacharel José Bonifácio da Silva Câmara e Etelvina Lídia de Almeida e Castro que conheço pelos próprios. E, para constar lavrei este termo que assino. a) O vigário Salviano Pinto Brandão."*

Sua existência seria pautada, logo na primeira infância de provações e sacrifício, pois em 11 de abril de 1895, com dois anos de

vida perde o pai Manuel Fenelon, que contava apenas 24 anos de idade, deixando a viúva grávida e com quatro filhos menores.

Miguel Fenelon Câmara muito cedo teve de deixar o lar materno para iniciar os estudos na antiga escola mantida pelos padres capuchinhos, em Canindé, na época dirigentes da Paróquia, sendo ali contemporâneo do futuro Interventor Federal, Dr. Francisco de Meneses Pimentel.

Em certa oportunidade aquele estabelecimento de ensino foi visitado, de maneira inesperada, por D. Joaquim José Vieira, 2° Bispo do Ceará, que retornava de uma visita pastoral e fez questão de examinar os seus alunos.

Os capuchinhos, parece não terem gostado da idéia e, tentando disssuadí-lo, alegaram já haverem os alunos feitos as provas e muitos se encontravam em férias, de viagem para os seus lares.

O bispo insistiu e os estudantes que ainda se encontravam na escola foram então convocados e colocados em fila.

Feito isto, Dom Joaquim solecionou uns dez garotos, figurando entre eles o meu pai.

Começou então a sabatiná-los e o meu pai não titubeou em nenhuma das respostas, o mesmo acontecendo com a maioria dos demais colegas.

O bispo encerrou a arguição e virando-se para os frades disse estar satisfeito com o grau de aproveitamento escolar ali verificado.

Em Quixeramobim, meu pai estudou também com a antiga professora pública, Idalina Correia Andrade, casada em segundas núpcias com um parente meu pelo lado materno, Plácido Francisco de Assis Andrade.

Mais tarde, em plena adolescência, deixou os estudos para enfretar a dura realidade da vida, passando a desempenhar as suas atividades na antiga Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (hoje DNOCS), trabalhando am diversas obras públicas em nosso Estado.

Em 1916, foi nomeado 1° Tabelião Público de Quixeramobim, função desempenhada com dignidade, justiça e honradez, merecendo sempre a confiança do povo de nossa terra e o elogio dos magistrados que ocuparam aquela Comarca.

Não contava na época mais de 23 anos de idade, mas tinha a competência e a responsabilidade necessárias para o desempenho do cargo, exercido com toda dedicação por quase meio século.

A nomeação, feita pelo então Presidente do Ceará, Dr. João Thomé de Saboya e Silva, era datada de 11 de novembro de 1916, e no dia 27 daquele mesmo mês e ano, entrou no exercício do cargo, do qual veio a se aposentar no dia 22 de maio de 1962.

Em seu longo e profícuo tabelionato, a bicentenária repartição pública,que teve como primeiro tabelião Jerônimo César Melo e cujo Livro de Notas nº 1 é datado de 27 de novembro de 1745, passou a se chamar Cartório Câmara, nome hoje respeitado por todos os demais órgãos do judiciário cearense.

Durante o brilhante e fecundo paroquiato do Cônego Dr. Aureliano Mota em Quixeramobim, foi fundado naquela cidade, o Externato Santo Antônio, do qual meu pai integrava o Corpo Docente.

Vejamos o que escreveu na imprensa cearense um de seus alunos, o nosso venerado amigo Acadêmico-Escritor Antenor Gomes de Barros Leal, ao evocar a figura de nosso homenageado, quando do seu falecimento ocorrido em 28 de setembro de 1983:

> *"Meu Mestre, meu amigo Miguel Fenelon Câmara, já se encontra na mansão Celestial. Estimava-o carinhosamente ainda criançola, desde quando ao lado do Cônego Aureliano Mota, Dr. Josias Sisnando de Lima e Dr. Lauro Silva Nogueira ensinava Aritmética à mocidade de Quixeramobim no Externato Santo Antônio. Nosso Mestre, possuidor de grande personalidade, era recebido pelos alunos com muita simpatia e respeito, tal a gentileza dos gestos e cavalheirismo de suas admoestações.*
>
> *Sempre havia ocasião para o professor advertir "aprendam tudo o que este livro ensina, (referia-se à Aritmética Progressiva de Antônio Trajano), e formarão base para futuramente serem grandes matemáticos."*

E prossegue Antenor Gomes de Barros Leal em seu depoimento:

> *"Lembro-me muito bem quando o nobre amigo ensinava a subtração de números mistos, quando a fração*

minuendo era menor que o subtraendo.

O professor pormenorizava no quadro-negro. Vejam bem: retira-se uma unidade do inteiro e soma-se à fração. Temos então o resultado que é o seguinte... Após vários exercícios compreendi; isto porém foi por pouco tempo, porque hoje nem quero mais viver pensando, que um dia entendi aquilo que me parecia um suplício penoso."

Tendo como antepassados diversas personalidades com destaque na vida pública, dentre os quais merecem referência, pelo lado paterno: os coronéis Manuel de Torres Câmara, Miguel Alves de Melo Câmara e Antônio Rodrigues da Silva e Sousa (Capitão Silva), chefes do Partido Liberal em Quixeramobim, no século passado, e pelo lado materno, os dois irmãos revolucionários, coronel Joaquim Felício Pinto de Almeida e Castro, membro da Junta Governativa do Ceará, em 1824, e o Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro (Padre Miguelinho) herói-mártir de 1817, meu pai não fugiria da política.

Iniciou-se no partido aciolino, sendo agraciado posteiormente com a patente de Tenente da Guarda Nacional, e no domínio da Pátria Velha veio a formar ao lado do Presidente Matos Peixoto.

Com a redemocratização do País, em 1945, filiou-se ao Partido Social Democrático, atendendo convite de seus amigos.

Não fez da política uma profissão, mas nela se integrou visando unicamente o progresso de sua terra e o bem-estar de seu povo.

Em certa ocasião, disse-me o saudoso desembargador ManueL de Sales Andrade:

"O Tribunal do Ceará sabe que o seu pai milita na política de Quixeramobim, mas sabe também que ele não leva a mesma para o cartório e nem os assuntos desta repartições para o conhecimento dos políticos."

Era a mais pura realidade, porque durante os 46 anos de seu tabelionato o Cartório Câmara jamais foi alvo de qualquer denúncia em suas atividades.

Foi lá, quando adolescente, que conheci pela primeira vez, dois futuros companheiros meus no Instituto do Ceará, os Drs. Raimundo Girão e Abelardo Montenegro, o primeiro fazendo pesquisas

genealógicas e o segundo, buscando dados para a sua importante obra sobre a vida de Antônio Conselheiro.

Em 4 de fevereiro de 1919, como já disse no início desta palestra, há precisamente 74 anos, meu pai veio a contrair núpcias com a minha saudosa mãe Thereza Heloísa Saraiva Leão Câmara, rompendo uma tradição secular desse clã, cujos membros só se casavam com primos.

O ato religioso teve lugar em Baturité, na residência de antigo magistrado e 1º Juiz de Direito daquela Comarca, Dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco, na época com 96 anos de idade, sendo ele avô paterno de minha mãe.

A residência deste meu bisavó materno foi mais tarde doada aos Padres Salesianas que ali fundaram o Colégio Domingos Sávio onde fiz o curso ginasial, juntamente com o meu irmão José Waldo, no período de 1945 a 1948.

Desta feliz e abençoada união conjugal, eficiada pelo então vigário da Paróquia, Mons. Manuel Cândido dos Santos, nasceram quinze filhos, dos quais três já não pertencem a este mundo menor:

1º) – José Aurélio, coronel do Exército e engenheiro civil pela Escola Politécnica da Bahia. Na vida militar serviu em diversas unidades da arma de atilharia, a que pertencia, nos Estados de Pernambuco, Bahia e Ceará, ingressando posteriormente no magistério como professor da antiga Escola Preparatória de Cadetes, em Fortaleza.
No Governo Stênio Gomes ocupou simultaneamente a Secretaria de Polícia e Segurança Pública e o Comando da Polícia Militar. Foi Diretor Geral do Departamento de Educação e Cultura da Universidade Federal do Ceará e do Departamento de Minas na primeira administração Virgílio Távora.

Colega de turma na Escola Militar do Realengo do então ministro da Educação, coronel Jarbas Passarinho, aceitou o seu convite para chefiar a sua Assessoria para Assuntos Universiários e depois a direção da Casa do Brasil na Espanha, sua última função pública.

A vida militar jamais o divorciou da literatura, de modo especial da pesquisa histórica, sendo admitido primeiramente no Instituto do Ceará, e mais tarde, no Instituto Histórico e

Geográfico Brasileiro, figurando ao lado de grandes nomes como Pedro Calmon, José Honório Rodrigues e outros expoentes da historiografia brasileira.

Diversos foram os seus trabalhos abordando diferentes assuntos e deles destaco: "Um aspecto do domínio holandês no Ceará" (1956) – "Um aspecto da tradição cearense militar" (1960) – "Correspondência do Senador Pompeu (seleção, introdução e notas)", (1960) – "O tempo e os homens" (1966) – "Capistrano de Abreu" (1969), obra premiada pela Editora José Olímpio com o prêmio Tarquínio Prisco de Sousa e também Prêmio Universidade do Ceará) – "Triunfos e fracassos na luta contra as secas" (1969) – "Fatos e Documentos do Ceará Provincial" (1970) – e "Um Soldado do Império (General Tibúrcio e seu tempo)" esta última obra publicada após a sua morte graças aos esforço e à boa vontade de seus amigos. Ele foi o único de meus irmãos a prever a minha tendência para a pesquisa genealógica e histórica de nossa família ao me oferecer, eu minha adolescência, o livro "*Anedotário da Guerra do Paraguai*", de autoria de Euzébio de Sousa, com a seguinte dedicatória: "Ao Fernando, futuro historiador da família, oferece o irmão José Aurélio" – Olinda, Pe. em 8.12.1944".

Com o seu falecimento ocorrido em 9 de abril de 1974, o Instituto do Ceará elegeu-me como seu sucessor neste respeitável Sodalício. Era casado com a prima Feranda Maria e deixou dois filhos Cláudio Henrique e Marcos Aurélio.

2°) – José Homero, Ex-Prefeito Municipal de Quixeramobim, eleito pelo voto popular, e sucessor de meu pai no Tabelionato, conforme nomeação do então Governador Parsifal Barroso, datada de 10 de abril de 1962. Veio a se aposentar em 1991 atingido pela compulsória, após exercido o cargo por quase 30 anos. É casado com Laura Villar Olsen Saraiva Câmara de cuja união conjugal houve três filhos: Antônio José, José Homero Filho e Niels.

3°) – Maria Alzira, religiosa da ordem das Missionárias de Jesus Crucificado. É normalista pelo Instituto Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, em Baturité, tendo exercido o magistério durante alguns anos em Quixeramobim, antes de abraçar a

vida religiosa. Possui curso de Serviço Social, com defesa de tese, pela Escola de Aracaju, e de especialização, na Universidade Laval, em Quebec, no Canadá. Já serviu nas comunidades religiosas que sua congregação mantém em São Paulo, Aracaju, João Pessoa, São Luiz, no Maranhão, e atualmente encontra-se em Maracanaú, na região metropolitana de Fortaleza.

4°) – Heloísa Helena, normalista pelo Colégio Juvenal de Carvalho e Contadora pela Escola Técnica de Comércio Carlos de Carvalho. Exerceu o magistério em Quixeramobim e Fortalezza para depois integrar o quadro de funcionários da Universidade Federal, onde se aposentou.

5°) – Dom Miguel Fenelon Câmara Filho, atual arcebispo metropolitano de Teresina, Piauí, após haver sido também de Maceió, em Alagoas. Foi ordenado sacerdote em Fortaleza no dia 8 de dezembro de 1948 e sua primeira função foi auxiliar do então Cura da Catedral, Mons. Luís de Carvalho Rocha. Posteriormente paroquiou Itapebuçu e Guanacés até ser nomeado professor do Seminário da Prainha. Na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, se laureou em Ciências Sociais. Em Fortaleza foi ainda capelão militar da Guarda Civil e Secretário do CNBB, Regional Nordeste I. Eleito bispo auxiliar de D. José de Medeiros Delgado, foi administrador apostólico da diocese de Itapipoca até a posse de seu 1° Bispo. Nomeado bispo coadjutor de Maceió, assumiu o governo daquela Arquidiocese com a renúncia de seu titular e mais tarde teve a sua transferência para Teresina onde hoje se encontra.

6°) – Vicente, nascido em Quixeramobim no dia 25 de Julho de 1926 e falecido naquela cidade em 13 de abril de 1927, com meses de idade.

7°) – Antônio de Pádua, fez os cursos ginasial e científico nos colégios São Luís e Castelo Branco, licenciando-se em História pela Faculdade de Filosofia do Ceará. Foi secretário da Prefeitura Municipal de Quixeramobim na administração de nosso irmão José Homero Saraiva Câmara. Funcionário público estadual esteve lotado no Instituto de Previdência do Estudo do Ceará (IPEC), transferindo-se posteriormente para o Tribunal de Contas do Estado.

8°) – Francisco Fernando, o orador que vos fala, fez o curso de humanidades no Ginásio Salesiano Domingos Sávio, em Baturité, e sua primeira função pública foi de Escriturário-Almoxarife no antigo Posto Agropecuário em Quixeramobim. No setor privado exerceu atividades nas empresas Fortaleza Refrigerantes S/A e Pará Refrigerantes S/A, esta última em Belém do Pará. Em nossa Capital dirige desde 1962 o escritório comercial do Grupo Eliseu Batista S/A, indústria estabelecida em Orós, neste Estado.

Na área cultural integra o quadro social do Instituto do Ceará sendo detentor da cadeira anteriormente ocupada pelo seu falecido irmão José Aurélio Saraiva Câmara. É também membro efetivo da Academia Brasileira de História, sediada em São Paulo, e sócio-correspondente da Academia Sobralense de Letras e Estudos e do Instituto Cultural do Vale Caririense.

Casou-se em 19 de julho de 1958 com a prima Thereza Christina Saraiva Leão Câmara, de cuja união conjugal nasceram: Thereza Fernanda, Thereza Christina, Miguel Neto, Maria Veleda, Fernando Filho e Maria Ruth.

9°) – José Waldo, médico pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, residente em Recife. Ali casou-se com Lilian Barros Câmara e são os pais de cinco filhos: José Waldo Filho, Fernando Antônio, Luís Eduardo, Ana Cecília e Paulo Henrique.

10°) – Maria Olindina, normalista pelo Colégio Salesiano Juvenal de Carvalho em Fortaleza. Exerceu o magistério em nossa Capital, foi supervisora de Ensino e membro do Conselho Estadual de Educação repetidas vezes. Residente em Fortaleza.

11°) – Manuel Fenelon, coronel do Exército e falecido tragicamente no comando da Escola Preparatória de Cadetes, em Campinas, São Paulo. Exerceu as mais destacadas funções durante os 33 anos de vida militar: ajudante de ordens do general chefe do Estado Maior do IV Exército, sediado em Recife, integrou os Gabinetes Militares dos ministros Lira Tavares e Walter Pires, além de Assessor Militar junto ao Congresso Nacional. Era detentor de várias condecorações e honrarias,

possuindo diversos cursos, alguns no Exterior. Esteve no Chile prestando serviços junto ao exército daquele país andino durante o Governo Pinochet.

De seu enlace-matrimonial com Heloísa Helena Aguiar Câmara houve dois filhos: Emanuel Fenelon e Paulo Eduardo.

12º) – Vicente, engenheiro-agrônomo pela Escola de Agronomia da Universidade Federal do Ceará, tendo eu sido o paraninfo deste meu imão. Ingressando na Sudene chefiou o seu Escritório em Teresina, onde casou-se com Idene Paz Câmara e desta união conjugal nasceram: Marcos, Marcelo, Maurício e Thereza Heloísa. Transferido para Brasília, ali chefia o mesmo Escritório na Capital da República. De todos os meus irmãos é o que mais se identifica comigo.

13º) – Thereza de Jesus, funcionária pública aposentada pelo DNOCS tendo antes desempenhado atividades na Universidade Federal do Ceará. Fez o curso normal no Colégio da Imaculada Conceição, História pela Faculdade Católica de Filosofia e Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará. É casada com Rubens Soares Costa, funcionário aposentado da Receita Estadual e pais de um único filho: Eugênio José.

14º) – Maria de Lourdes assistente social lotada no DNOCS, em Recife, sendo detentora do curso de Serviço Social feito na Escola de Campinas, São Paulo. É casada com o engenheiro-agrônomo Wilson Cavalcanti de Brito, também funcionário do DNOCS e pais de Carolina Heloísa.

15º) – João Bosco, o filho caçula , é engenheiro-agrônomo pela Escola de Agronomia da Universidade Federal do Ceará, em 1968, Turma Cinqüentenária. Exerceu as suas atividades na Delegacia do Ministério da Agricultura em Fortaleza, sendo casado com Maria José Monte Câmara e pais de: Thereza Heloísa, José Aurélio e Geísa.

São estes os quinze filhos que constituíram a alegria e a felicidade do casal Miguel Fenelon e Thereza Heloísa Saraiva Leão Câmara.

Como já afirmei, meu pai sempre foi infenso a homenagens e honrarias, jamais concordando em ir receber na Câmara Municipal de Quixeramobim o título de "Cidadão Emérito", outorgado pela

unanimidade de votos do poder legislativo de nossa terra natal.

Orgulhava-se e sentia-se feliz, porém, com o sucesso de seus filhos em diferentes áreas de atividades, tendo organizado uma galeria com fotografias de todos eles na sala de visita, em nossa residência de Quixeramobim.

Comedido em seus pronunciamentos, dotado de temperamento calmo, prudente e de reconhecida austeridade, tendo espírito público e conciliador, com forte vocação para a diplomacia, meu pai era um autêntico Câmara, contrastando inteiramente com a família de minha mãe, cujos membros sempre foram altivos, irrequietos ou mesmo alvoroçados, mas de uma fé católica inquebrantável.

Humorístico às vezes, gostava de brincar ou pilheriar com as pessoas de sua amizade ou intimidade.

Recordo-me bem, quando em certo dia encontrava-se no Cartório e vinha se aproximando um seu amigo e compadre já um tanto idoso.

Papai segredou para mim: "vou ver se o compadre fulano ainda está bom da cabeça".

Disto isto, cumprimentou o amigo e depois de algum tempo de conversa começou a indagar por várias pessoas, há muito felecidas: "Compadre, o Dr. Paula Rodrigues ainda está na fazenda? Você sabe dizer se o Zé Lucas abateu hoje algum boi?"

Espantado com aquelas perguntas a resposta foi imediata: "Compadre Miguel, o Dr. Paula Rodrigues e Zé Lucas há muito que já morreram, e você não sabia?"

Papai fez-se de esquecido e quando o tal amigo se retirou ele disse para mim: "o compadre fulano ainda está com a cabeça boa..."

Ele era muito entendido em assuntos jurídicos e muitos o procuravam para esclarecimentos e dissipar dúvidas, entre os quais se incluiam jovens advogados em início de carreira.

A todos atendia com a maior boa vontade, recusando sistematicamente a realizar serviços que contrariassem às leis e à ética profissional.

Era esta a figura admirável de meu inesquecível pai, que teve na família Saraiva Câmara, tão bem constituída com a minha que-

rida mãe, o seu próprio mundo e para o qual dedicou toda a sua longa existência.

O saudoso Patriarca de Quixeramobim recebe na decorrência de seu centenário de nascimento a consagração póstuma de sua numerosa descendência, da qual, sem dúvida alguma, ele foi a grande luz a guiar os seus caminhos neste mundo de ilusões, cada dia mais cruel e desumano.

A Miguel Fenelon Câmara, homem íntegro, cuja existência foi totalmente dedicada à sua família, à sua terra e à sua gente, muito bem se adaptaram os magníficos versos do soneto "*Última Verba*", do imortal Antônio Sales, o Grande autor de "*Aves de Arribação*":

> "Oh, há coisas que a morte não consome:
> Aos teus deixaste a glória de teu nome
> Brilhante, puro, eternamente vivo!"